



**A CONSTRUÇÃO DE UM DIREITO ACHADO NA BEIRA DO RIO: O DIÁLOGO ENTRE A  
UNIVERSIDADE E OS SABERES COMUNITÁRIOS EM JURUTI VELHO/PA**

Lincon Sousa Aguiar, Evanderson Camilo Noronha, Andrew Lucca Pantoja De Souza e Ana Beatriz Oliveira  
Reis

A Amazônia é uma região que há décadas chama a atenção de investimentos nacionais e internacionais voltados para a exploração de seus abundantes recursos naturais. Nesse contexto, a mineração trouxe uma nova dinamicidade às relações locais na região do Trombetas, a partir da instalação de empresas voltadas para a exploração de bauxita, no início do século XXI. A construção da infraestrutura logística para o escoamento da produção gera impactos à soberania comunitária até hoje. Várias comunidades organizam-se contra o ataque a seus direitos, mas a falta de informação e questões políticas e econômicas dificultam suas lutas. Assim, com a intenção de promover o diálogo entre os saberes jurídicos e os saberes populares, o Najup Cabano, em parceria com a Congregação de Irmãs Franciscanas Maristella, organizaram o curso de capacitação de lideranças comunitárias “O Direito Achado na Beira do Rio”. Neste trabalho, objetivamos analisar a contribuição do curso “O Direito Achado na Beira do Rio” para a efetivação de direitos em Juruti Velho. Para tanto, partimos dos relatos de experiência dos facilitadores; do levantamento bibliográfico acerca da prática assessoria jurídica universitária popular; e dos diálogos com assessores populares da região Oeste do Pará. O projeto é composto por quatro módulos que tratariam de introduzir alguns dos principais temas jurídicos, a serem ministrados, cada um, em três dias, na Vila Muirapinima, Juruti Velho. Primeiramente, focamos na introdução ao estudo do direito (para facilitar a comunicação quando tratados temas mais específicos); fizemos um mapeamento das principais demandas comunitárias; e um levantamento de quais assuntos seriam mais interessantes para serem trabalhados. Em seguida, ao mesmo tempo em que adequamos nossa linguagem aos participantes, um grupo composto por camponesas/es, professoras/es, pescadoras/es e funcionárias/os públicas/os. Muitas/os não estão acostumados a participar desses espaços de formação, mas é comum que ocupem papéis de destaque em suas comunidades e sejam demandados para a resolução de conflitos locais - há uma responsabilidade coletiva. Dessa forma, as reflexões alcançadas ultrapassam os limites daquele espaço para chegar nas várias comunidades que compõem a região. Certamente o acúmulo de debates contribui para que as/os participantes possam enxergar-se enquanto sujeitos de direitos (achados ali, na beira do rio) e conhecer os melhores caminhos e instrumentos jurídicos para auxiliá-los em suas próprias lutas. A partir da experiência, as/os formandas/os poderão impulsionar debates em seus espaços locais, sejam eles rios, terras, escolas ou órgãos públicos.